

As crianças de Macondo: representação da infância latino-americana em sete personagens do romance *Cien Años de Soledad*, de Gabriel García Márquez.

Doutoranda Socorro Edite Oliveira Acioli Martins (UFF)

Resumo:

Partindo da hipótese de que o romance Cien Años de Soledad pode ser lido como uma forma de representação literária de parte da história cultural da América Latina, consideramos essa obra como um exemplo de prática discursiva onde o artista assume a voz do "outro". No caso da nossa análise, o "outro" em análise é a criança latino-americana, representada na obra por personagens que tem importância crucial na narrativa. Observamos os textos referentes à infância de sete personagens dentre as sete gerações dos Buendía: Rebeca, José Arcadio e Coronel Aureliano, da segunda geração; Aureliano José, da terceira; Remédios, la bella, da quarta; Meme, da quinta; e Aureliano, o último dos Buendía. Entendemos a infância em Macondo como um Entre-lugar dentro do Entre-lugar, utilizando o conceito de Silviano Santiago e Homi Bhabha. É a partir da voz desses sete personagens que pretendemos analisar a representação da infância latino-americana em "Cien Años de Soledad", uma das principais obras da literatura da América Latina no século XX.

Palavras-chave: Infância, Literatura latino-americana, representação, *Cien años de soledad*, García Márquez.

Introdução

O romance *Cien Años de Soledad*, de Gabriel García Márquez, um dos textos mais populares e emblemáticos da literatura latino-americana, começa com a memória de infância de um dos seus principais personagens, o Coronel Aureliano Buendía: “Muchos años después, frente al pelotón de fusilamiento, el coronel Aureliano Buendía había de recordar aquella tarde remota em que su padre lo llevó a conocer el hielo”. (MÁRQUEZ, 2007, p.9).

O leitor é recebido em Macondo por uma feliz recordação de uma criança-personagem que persiste na mente do adulto diante da morte. Essa é a ponta do fio temático que escolhemos para perseguir nessa narrativa: a infância e suas memórias em *Cien Años de Soledad*. Nossa investigação preocupa-se em analisar a representação da infância latino-americana nesse romance, como parte de um projeto de pesquisa de Doutorado em Estudos de Literatura. Partimos de algumas perguntas iniciais sobre o tema: como são representadas as crianças de Macondo? Elas falam? Se falam, o que dizem? Qual é o lugar da infância em Macondo? Suas presenças – nascimentos, chegadas – provocam mudanças no andamento da narrativa?

As crianças de Macondo, especialmente da família Buendía, tem pouca voz ao longo do romance. São raros os momentos de diálogo em que conhecemos a voz direta desses personagens infantis. De forma isolada, isso já poderia ser considerado uma questão ou ponto de partida para conclusões possíveis sobre essa escolha, mas é preciso notar que a economia de diálogos é parte do

estilo de Gabriel García Márquez e é recorrente em sua obra romanesca. Usando narradores oniscientes ou narradores personagens, o autor investe muito mais nas descrições ricas de adjetivos do que na voz direta dos seres ficcionais que cria.

2 A voz das crianças de Macondo

Buscando conhecer o que dizem as crianças da família Buendía, percorremos os registros da infância dos personagens no texto e elencamos todos os momentos em que há uma fala direta das crianças na narrativa.

Começando por José Arcadio, o primeiro filho de Jose Arcadio e Ursula, percebemos que ele não tem qualquer fala no texto durante sua infância. Seus primeiros anos são descritos apenas em poucos momentos isolados, sempre em companhia da mãe, seja ajudando nas tarefas da casa ou habitando as preocupações de Úrsula. Essa ausência tem um motivo explicado. O patriarca José Arcadio Buendía, pai de Jose Arcadio, considerava a infância como *“un periodo de insuficiencia mental”* (MARQUEZ, 2007, p.25) mas Úrsula o faz perceber que os filhos estão abandonados pelo pai. De forma que José Arcadio Buendía só nota a presença de Aureliano e José Arcadio quando ambos estão com quase seis e quatorze anos, respectivamente: *“Miró a través de la ventana y vio a los dos niños descalzos en la huerta soleada, y tuvo la impresión de que solo en aquel instante habían empezado a existir, concebidos pelo conjuro de Úrsula”* (MARQUEZ, 2007, p. 23)

A infância de Aureliano, o primeiro Buendía nascido em Macondo, é descrita com mais detalhes pelo narrador. Ele, inclusive, tem voz direta na narrativa durante três momentos dos seus primeiros anos de vida. Na primeira vez ele diz "Se va a caer" (MARQUEZ, 2007, p.24) prevendo a queda de uma panela que está bem apoiada na mesa e que não apresenta qualquer indício de queda possível. Assim conhecemos o lado intuitivo e premonitório de Aureliano, traço marcante de sua personalidade e importante para a compreensão da narrativa.

Na segunda vez em que fala, o pequeno Aureliano diz "esta hirviendo" (MARQUEZ, 2007, p. 28) quando toca na pedra gelo, cena que haveria de lembrar. Mais adiante, Aureliano diz que "Alguién vá a venir" (MARQUEZ, 2007, p. 53) pressentindo a chegada de Rebeca, sua irmã adotiva que, de fato, vem a caminho.

Rebeca, que chega a Macondo após o pressentimento de Aureliano, inicialmente fala em língua guajira profere palavras contra os que tentam banhá-la e consegue se comunicar com os índios que vivem em Macondo, Visitación e Cataure. Aos poucos demonstra que sabe falar em castellano, mas não tem voz no discurso, os seus momentos de fala na infância são sempre relatados pelo narrador. Rebeca trouxe a Peste da Insônia, uma doença dos índios. O primeiro sintoma dessa peste é o esquecimento.

A infância de Aureliano José é apagada da narrativa. Portanto, não há fala.

Remedios, la bella, permanece criança enquanto vive. Não sabe cuidar da própria higiene, anda nua e desenha animais nas paredes usando as próprias fezes. (Ao contrário da primeira Remedios, que casa ainda criança e, assim, perde a infância. Essa entrada precoce na vida adulta, com uma gravidez, acaba causando a sua morte). Suas poucas falas são sobre as tolices dos homens que morrem por sua beleza.

Renata Remedios (Meme) é criada fora de Macondo, em um colégio de freiras, por vontade de sua mãe, que não deseja que os Buendía influenciem o destino da filha. Sua fala também não aparece na narrativa. Há ainda a nota de que morreu no convento sem dar nenhuma palavra depois do nascimento do filho, Aureliano Babilônia, que, por sua vez, decifrou os pergaminhos de

Melquíades e viu o fim de Macondo.

O último Aureliano não chega a viver nem um dia completo. Nasce com rabo de porco, cumprindo a lenda que apavorava os filhos de parentes desde a primeira geração dos Buendía e morre devorado pelas formigas.

Constatamos, então, que a importância da infância no romance *Cien Años de Soledad* está muito mais nos gestos, atitudes, negações ou aceitações das crianças do que nas palavras proferidas por elas ao longo da narrativa. Não há uma preocupação do narrador em transmitir ou relatar essa voz.

3 O local da infância

Dentre o leque quase infinito de temas de pesquisa possíveis no romance *Cien Años de Soledad*, analisar a infância é um campo rico de investigação. Não apenas pela fala, vida e memória dos próprios personagens infantis, mas pela forma como a infância é citada, observada e julgada pelos personagens adultos.

As crianças são peças fundamentais na composição e representação de Macondo. Homens, mulheres e crianças fundaram Macondo (MARQUEZ, 2007, p.19), isso é destacado nos trechos que remetem a travessia de José Arcadio Buendía e Úrsula pelos caminhos que, sem que imaginasse, levaram ao lugar onde fundariam Macondo. Algum tempo depois da descoberta José Arcadio pensa em ir embora, desistir de permanecer naquele embrião de cidade, mas decide ficar em Macondo pelos filhos (MÁRQUEZ, 2007, p.23)

No registro de qualquer infância, seja real ou ficcional, os passatempos e brincadeiras – ou a ausência desse tempo lúdico na vida de uma criança – são peça chave na análise dos primeiros anos de um ser ou grupo. Philippe Ariés, em seu clássico trabalho sobre a história social da infância, elenca as fases desse tempo:

Primeiro, a idade dos brinquedos: as crianças brincam com um cavalo de pau, uma boneca, um pequeno moinho ou passaros amarrados. Depois, a idade da escola: os meninos aprendem a ler ou seguram um livro e um estojo; as meninas aprendem a fiar. (1981:39)

Ariés trata de um modelo de infância europeu, que não se repete na América Latina representada por *Cien Años de Soledad*. A brincadeira e o passatempo em Macondo fogem, em muitos aspectos, das marcas da infância tradicional ocidental. Em Macondo as crianças brincavam de voar em tapetes mágicos, assombravam-se com os inventos dos ciganos e por eles alimentavam sua fantasia. (p.41)

Outra questão importante a se pensar é a observação de como os adultos viam as crianças. Úrsula, a matriarca, estava sempre atenta à infância, pontuando o tempo, lembrando se já estão grandes, se cresceram rápido, se estão bem tratados, cuidados e em muitos momentos, sendo nostálgica ao rever a infância que já passou. José Arcadio Buendía, como foi dito anteriormente, considerava a infância como um tempo de retardo mental.

As crianças representadas no romance *Cien Años de Soledad* são descendentes de espanhóis e criollos, mas habitam entre as tradições, a língua e a cultura indígena. São negligenciadas pelos pais da família Buendía, portanto são formados pelo convívio com índios e ciganos, por escolha própria, construindo o seu entre-lugar dentro do entre-lugar onde já estava.

São crianças que comem terra, carregam ossos, tem premonições, são pedidas em casamento quando ainda urinam na cama e desenhavam com fezes nas paredes.

Em seu discurso do recebimento do Prêmio Nobel, García Márquez confirma a ideia de que o “processo literário hispano-americano apresenta uma sensível unidade em sua estrutura, construída a partir de uma atitude escritural comum de transferir à ficção o resgate e o questionamento da experiência histórica.” (TROUCHE, 2006, p.21). Sobre a relação entre ficção e imaginação – palavra recorrente em todo e qualquer texto da fortuna crítica de García Márquez e marca inconfundível de sua obra – o próprio Márquez afirma que “El desafío mayor para nosotros ha sido la insuficiencia de los recursos convencionales para hacer creíble nuestra vida.” (MÁRQUEZ, 2010, p. 25).

As crianças de Macondo perpetuam as características dos antepassados, mas renovam e até antecipam o porvir. Mesmo em quase silêncio, suas ações ainda na infância determinam mudanças decisivas no rumo da narrativa.

É importante notar também que *Cien Años de Soledad* começa e termina com um momento de infância de dois personagens, dois dentre Aurelianos, o que aponta a importância desse tema para o texto e para a construção dessa narrativa épica de imensa importância para a representação da América Latina na Literatura.

Conclusão

Nesse momento inicial de pesquisa, partimos de algumas perguntas iniciais sobre o tema: como são representadas as crianças de Macondo? Elas falam? Se falam, o que dizem? Qual é o lugar da infância em Macondo? Suas presenças – nascimentos, chegadas – provocam mudanças no andamento da narrativa? Concluímos que a voz direta da criança no romance *Cien Años de Soledad*, tem um lugar ínfimo no texto, mas notamos que tal aspecto não é o problema principal da pesquisa, visto que fala mais de um estilo literário do autor do que uma opção por dar voz ou não à infância. Em geral, não há diálogos ou muitas falas diretas dos personagens, sejam adultos ou crianças. A narrativa é construída por um narrador onisciente, que não deixa muito espaço para a voz dos personagens.

Quando falam, as crianças de Macondo anunciam o seu espanto diante daquele mundo. Aureliano anuncia premonições, Rebeca profere a língua dos índios e nos faz lembrar que ali, em Macondo, esse pedaço ficcional da América Latina, o sangue indígena ainda corre com força e por vezes ainda suplanta e resiste à língua do colonizador. A infância em Macondo é um tempo sempre marcado pela observação de Úrsula, negligenciado pelo patriarca, mas nunca esquecido.

Concluimos, por fim, que a infância no romance *Cien Años de Soledad* constitui-se em um entre-lugar dentro do entre-lugar que Macondo representa no contexto ficcional onde está inserido. Fechamos nossa conclusão citando o Homi Bhabha, que afirma:

O lugar da infância é um entre-lugar, o espaço intersticial entre dois modos – o que é consignado pelos adultos e o que é reinventado nos mundos da vida das crianças – e entre dois tempos – o passado e o futuro. É um lugar, um entre-lugar, socialmente construído, mas existencialmente renovado pela ação coletiva das crianças. (BHABHA, 1998, p.10)

Se Macondo é um entre-lugar entre a representação da História e a ficção, entre o real e o fantástico, entre os fatos da história colombiana e um universo absolutamente criado, a infância encontra-se em um outro entre-lugar nesse universo. As crianças de Macondo estão entre o passado indígena e o presente dominado pela influência da Companhia Bananeira, entre a educação familiar e a influência dos ciganos, entre o visível e o que não se vê.

A infância em *Cien Años de Soledad* é um entre-lugar dentro do entre-lugar e merece ser estudada e pesquisa com afinco, como um caminho a mais para compreender e resignificar Macondo, uma das cidades ficcionais mais presentes no imaginário latino-americano.

Referências Bibliográficas

- ARIES, Philippe. *História social da criança e da família*. Trad. Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1981.
- BHABHA, Homi K. O local da cultura. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- MÁRQUEZ, Gabriel García. *Cien Años de Soledad*. Edición Comemorativa. Espanha: Real Academia Española. Asociación de Academias de la Lengua Española, 2007.
- ORTIZ, Fernando. *Contrapunteo cubano del tabaco y del azúcar*. (fragmento) . La Habana: Ed. Ciencias Sociales, 1983.
- PERRONE-MOISES, Leyla. “A Criação do texto literário”. In: *Flores da escrivania*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- SANTIAGO, Silviano. *O entre-lugar do Discurso Latino-Americano*. In: Uma literatura nos trópicos, ensaios sobre dependência cultural. São Paulo: Perspectiva/ Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1978.
- TROUCHE, André. América: história e ficção. Niterói: EdUFF, 2006.

Autora

Socorro ACIOLI, Doutoranda.
Universidade Federal Fluminense (UFF)
Instituto de Letras